

ENSAIO

[RELIGIÃO, UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL]

Gisele Nallini¹

Quando surgem dúvidas, quando queremos aprender algo, ou quando queremos simplesmente postar fotos dos últimos acontecimentos que vivemos, nos apropriamos da internet e, por tabela, das redes sociais. Nesse vale tudo, realmente nos deparamos com todo tipo de assunto: receitas, vídeos, viagens, reclamações, frases de autoajuda, e em meio a tantos seguidores e fanáticos por diversos segmentos, está também a religião.

Encontramos sites, blogs, páginas em diferentes redes sociais que nos aproximam da experiência religiosa. Apesar de não estarmos em um lugar físico, dito como próprio de uma religião - como uma igreja, um templo, um salão -, contamos com um computador e com o momento único que criamos quando queremos estar em contato com Deus.

Não, não estaremos sozinhos, pois esses espaços virtuais estão recheados de campos para serem preenchidos com nossas experiências religiosas, sejam elas boas ou não tão boas – o que atrairá mais e mais adeptos, curiosos, fanáticos, ou até mesmo pessoas contrárias e que entram apenas para delatar ou deflagrar a experiência alheia. Além desses campos abertos, encontramos espaços para passagens bíblicas, capelas virtuais, tanto para acender suas velas com um propósito já preestabelecido, como para as orações específicas. Interessante também encontrar os horários fixos para algumas orações que se convencionam em algumas religiões. E quando você não tem tempo ou chega atrasado, pode ver a reprise e fazer suas orações no momento que mais lhe for plausível!

Devemos admitir que a religião já não é mais um objeto formatado nos antigos moldes. Ela vem se desenvolvendo e criando ramificações que ultrapassam as paredes físicas. Essas paredes virtuais vieram para auxiliar, ampliar e continuar a fazer parte da vida do religioso,

¹ Mestra em Ciência da Religião pela PUC-SP. giselenallini@gmail.com

[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 29, 2016]

mesmo ele não estando no espaço físico, no horário pré-estabelecido, como também abriu margem para os que estão fora delas conhecerem essas outras formas de se encontrar com outras religiões, que não a original.

Pudemos perceber que ao longo dessas modificações, contamos inicialmente com curiosos, pessoas não tinham tanta afinidade ou até os que gastavam seu tempo tirando sarro, zombando e inventando coisas para desacreditar seu oponente ou a religião do oponente. Isso, é claro, ainda vem acontecendo, mas abriu a oportunidade ao desconhecido. Antes para se conhecer uma outra religião seria necessário ir até seu espaço, mas agora, pelos sites, blogs ou redes sociais, pode-se ter uma prévia do que se encontrará ao vivo. Claro, jamais a experiência física será trocada ou ganhará menos importância do que a virtual, mas ela retrata parte do que o ambiente virtual pode agregar dessa experiência.

Seja pelo encontro físico ou virtual, um não anula o outro. Um não é mais ou menos importante do que o outro. As experiências são únicas e só a pessoa poderá determinar com qual dos dois espaços se identifica mais.

Nesses ambientes virtuais nos deparamos com recortes, momentos, comportamentos que podem ser do instante, deixados por meses ou anos. É um espaço que se recicla e ao mesmo tempo cristaliza algumas experiências passadas. Tudo irá depender do moderador, a pessoa que administra, hospeda esse site, blog, página ou rede. Há uma expectativa de que esse não seja um momento passageiro, portanto há sempre os que - por trás de um computador - organizam, alimentam e gerenciam tudo que entra, permanece ou será excluído do conteúdo.

Se é assim nas redes sociais e nos sites “seculares”, não seria diferente nos tais ambientes virtuais religiosos. Há de se vislumbrar um recorte da realidade, não só para que ela se apresente perfeita, mas para que atenda as expectativas virtuais dos associados. Estamos apontando para o que em cultos religiosos pode ser definido como uma pessoa centralizadora, um clérigo, um pastor, um dirigente, e que no mundo virtual não estará presente... mas que deve ser suprido de alguma forma, pois essa não será apenas uma experiência mais entre o adepto e Deus, mas também uma interativa, que conta com Deus, o adepto, o administrador virtual e todos os outros que estiverem logados. E entenda-se “todos os outros” por qualquer pessoa com tempo, tanto para ler, como para responder as solicitações, e participar das trocas de experiências - não apenas pessoas afins dos mesmos pensamentos e ideais.

É importante ressaltar que estamos vivenciando uma nova forma de ver e viver o modo de ser religioso. Não se trata apenas de nadar conforme a maré, de alavancar a religião pelas redes sociais, mas de interagir com tanta propriedade mesmo estando à distância, pois no geral, as pessoas não estão preocupadas como a forma que a religião vá chegar até elas, desde que suas expectativas e frustrações sejam acolhidas. E claro, pela fé que elas já possuem, algo a mais vai agregar-lhe valor, e jamais diminui-la.

Essa nova forma de aproximar o objeto “religião” das massas aponta neste momento e em grande parte para os jovens, pois são eles que estão mais próximos dessa cultura virtual e que inevitavelmente conseguem acessar com mais facilidade os aparelhos eletrônicos. Não que outras faixas etárias não consigam, mas estão em menor quantidade, mais pelas dificuldades de aprendizado dessas ferramentas do que pela falta de querer. É tanta informação que até mesmo os mais experientes se perdem a tantas janelas que se abrem.

Ao mesmo tempo em que encontramos instituições que buscam qualidade e excelência em suas hospedagens, nos deparamos com informações equivocadas, deturpadas e que podem em algum nível confundir leigos, criar expectativas, expor ou até denegrir algumas religiões. Esse ambiente que dissemos ser virtual, também carrega virtualidade nos discursos. Para viver nesse universo é aconselhável uma postura crítica em relação ao que se lê, com quem se conversa, e priorizar “lugares” confiáveis. Mas, como na vida real, todas as experiências são válidas para o aprendizado.

É muito fácil, do ponto de vista da escrita, gerar um conteúdo, mas direcioná-lo ao entendimento, à compreensão, ao fácil acesso, já é outra coisa. Nem sempre se tem o resultado esperado ao encaminhar os pensamentos a um determinado fim. E quando acontece, nem sempre se consegue obter 100% de satisfação no entendimento, na compreensão. Esse é um bônus que vem agregado a esse livre acesso, a essa troca solitária de estar de um lado da tela.

Só existe uma “imagem” que nos vem à mente quanto ao expectador que não compreendeu, ficou confuso ou insatisfeito com o que encontrou: *Ctrl+Alt+Del!* Reiniciar o processo, esperar as informações se assentarem, buscar novas fontes, questionar e ter a paciência das respostas, não se conformar com o primeiro texto que ler e - acima de tudo - consultar os livros sagrados, que agora também estão acessíveis virtualmente, mas

provavelmente também estão na estante. E fica a questão: “O que faria Jesus se estivesse vivendo esse momento de descobertas?”.

Ao se trazer do material para o virtual essa vivência da representação da fé, destacamos que é uma maneira de tomar em comunhão algo que deveria ser sacramental, para o espiritual. É a constatação da descontextualização do ambiente. É redirecionar as afinidades e as necessidades, pois a internet pode aproximar ou distanciar essas experiências. E como lidar com algo que diz respeito ao sagrado dentro do adepto, em relação ao sagrado que se encontra dentro da rede? Aparentemente esta questão está mais associada com a forma com que se aborda esse mundo virtual, ou como aprender a trabalhar tantos e tantos discursos... talvez tenha mais a ver com os macetes das redes virtuais do que com a experiência com o transcendente. Seria a religião na internet uma nova fé, ou a reconfiguração social e prática de uma religiosidade da qual já estamos intimamente munidos?